

## Pra quem é, bacalhau basta<sup>1</sup>: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas

Maria Angélica Furtado da Cunha<sup>2</sup>  
Edvaldo Balduino Bispo<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, analisamos construções idiomáticas do português do Brasil (PB), a exemplo de *pra quem é, bacalhau basta* e *tirar leite de pedra*. Objetivamos discutir a relação forma-função nessas construções, de modo a explicitar a gradiência existente nessa relação. Para tanto, assumimos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), e tomamos como material de análise diferentes idiomatismos do PB. Consideramos as propriedades gerais das construções, com foco na esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Nessa direção, verificamos que essas construções variam de totalmente especificadas a parcialmente preenchidas; são, em geral, de baixa produtividade; e, prototipicamente, caracterizam-se pela opacidade. Constatamos também a atuação de processos metafóricos e metonímicos na formação desses idiomatismos, a variabilidade de recursos linguísticos utilizados em sua estruturação e o grau de fusão entre seus elementos constituintes, além da versatilidade morfossintática que podem apresentar.

**Palavras-chave:** Construções idiomáticas. Relação forma-função. Gradiência.

### Para começo de conversa

Um debate que tem permeado os estudos linguísticos desde o estabelecimento da chamada Linguística Moderna é o da relação entre forma e conteúdo, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo). As discussões em torno da motivação entre expressão e conteúdo na língua remontam à antiguidade clássica, com a polêmica que dividiu os filósofos gregos em convencionalistas e naturalistas. Essas especulações filosóficas tiveram continuidade no debate entre anomalistas e analogistas acerca da (ir)regularidade da estrutura linguística. No início do século XX, essa controvérsia foi retomada por Saussure, que se alinhou à concepção convencionalista, reiterando a natureza arbitrária da língua: não

<sup>1</sup>Idiomatismo que veicula a ideia de que, para pessoa insignificante, qualquer coisa serve.

<sup>2</sup>Professora titular de Linguística da UFRN e professora visitante da UFPB. Coordenadora do Grupo Discurso & Gramática da UFRN. Pesquisadora do CNPq. Seus temas de interesse incluem: estrutura argumental, transitividade, gramática de construções, variação e mudança linguísticas e ensino de gramática.

<sup>3</sup>Professor Associado da UFRN, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e pesquisador do grupo *Discurso & Gramática*. Seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português, notadamente relacionados a adjetivos, orações relativas e estrutura argumental, e ao ensino de língua portuguesa.

há relação natural entre a “imagem acústica” do signo linguístico (o significante) e aquilo que ele evoca conceptualmente (o significado) (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

No âmbito da Linguística Funcional clássica, Bolinger (1977) postula que a condição natural da língua é preservar uma forma para um significado e vice-versa. Contudo, no uso linguístico diário, em especial na língua escrita, há muitos casos em que não há uma relação clara, transparente, entre forma e conteúdo. Desse modo, tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem um acentuado grau de opacidade em relação às funções que desempenham, e podemos encontrar correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas.

Contrapondo-se ao isomorfismo radical de Bolinger e com base em pesquisas sobre os processos de variação e mudança linguísticas, Givón (1984) atenua o princípio de iconicidade entre forma e função e o subdivide em três subprincípios básicos: quantidade, proximidade e ordenação linear, cada um deles motivado por fatores cognitivos, tais como tempo de processamento da informação, demanda de atenção e esforço mental<sup>4</sup>. Como a linguagem é uma faculdade humana, os funcionalistas defendem que o estudo da estrutura linguística pode desvendar propriedades da conceitualização do mundo ou propriedades da mente.

Neste artigo, consideramos, para fins de investigação empírica, construções idiomáticas do português brasileiro<sup>5</sup>. O objetivo é discutir a relação entre forma e função, buscando tornar explícita a gradiência observada nessa relação. Para atingir esse objetivo, tomamos como suporte teórico os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, *interallia*) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Os exemplares de idiomatismos são tratados em termos das propriedades gerais das construções, da atuação de processos metafóricos e metonímicos, da variabilidade de recursos linguísticos utilizados em sua estruturação e da integração de suas partes componentes.

Este texto está dividido em quatro seções. Após esta introdução, apresentamos as bases teóricas que dão suporte à investigação. Na sequência, analisamos características gerais dos idiomatismos, levando em conta as propriedades dessas construções e aspectos

---

<sup>4</sup> A esse respeito, ver Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013).

<sup>5</sup> Expressões idiomáticas são elementos linguísticos de extensão e formato variados cujo valor semântico não corresponde à soma do significado de seus elementos constituintes.

morfossintáticos, semânticos e cognitivos a elas relacionados. A última seção sumariza a discussão empreendida.

### **Um pouco de teoria**

Uma tendência recente de estudos funcionalistas desenvolvidos no Brasil conjuga pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, mais especificamente da Gramática de Construções. Trata-se da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), denominação cunhada por pesquisadores do grupo Discurso & Gramática (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013).

Essa abordagem é resultado da união das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros, e representantes da Linguística Cognitiva, como Charles Fillmore, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft. Essas duas correntes compartilham vários pressupostos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, a não distinção entre léxico e sintaxe, o posicionamento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais que desempenham um papel na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua.

Em consonância com a Gramática de Construções, a LFCU postula que a unidade básica da língua é a construção. Esta é definida teoricamente como um pareamento de forma e função que tem significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza (GOLDBERG, 1995).

Nessa definição, *forma* diz respeito a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; *função*, por sua vez, compreende propriedades semânticas, pragmáticas e/ou discursivo-funcionais relacionadas a uma determinada configuração estrutural. A função inclui as particularidades da situação descrita no enunciado, as propriedades do discurso em que este ocorre e o próprio contexto de uso (CROFT, 2001).

A relação entre a forma e a função de uma construção é vista pela LFCU e pela Gramática de Construções por meio de três propriedades, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade, inicialmente formuladas por Langacker (2005). Traugott e Trousdale (2013) definem a esquematicidade como uma propriedade de categorização que envolve abstração. Nesse sentido, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional. A esquematicidade envolve posições (*slots*) e o preenchimento delas por uma variedade de itens (morfemas e lexemas). Desse modo, uma construção pode ter um significado mais geral que será veiculado por elementos linguísticos que atendam a critérios semântico-sintáticos de cada *slot* que a compõe. Nessa direção, há construções totalmente abertas ou não especificadas, como a construção de estrutura argumental transitiva  $SN_1 V SN_2$ . Uma construção pode ser parcialmente especificada, com alguns elementos fixos e outros *slots* em aberto, como em *fazer SN*. Uma construção pode, ainda, ser invariável, tanto na forma quanto no significado, de modo que seu esquema é totalmente especificado ou preenchido, pois não comporta *slots* vazios, como o idiomatismo *pra quem é, bacalhau basta*.

Em termos gerais, a produtividade de uma construção diz respeito ao grau em que o esquema sanciona outras construções mais especificadas. A produtividade se relaciona à frequência (BYBEE, 2003): frequência de construção se equipara à frequência de tipo (*type*), isto é, o número de diferentes expressões que um padrão particular tem, enquanto frequência de construto (*token*) equivale à frequência de ocorrência, ou seja, ao número de vezes em que a mesma unidade ocorre em um dado texto. Nessa linha, enquanto a frequência *token* está relacionada à extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes, a frequência *type* está relacionada à expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004), dado que a natureza relacional e (relativamente) esquemática das construções pode, ao longo do tempo, fazer com que elas sejam usadas em diferentes colocações. Tomemos como exemplo a construção transitiva, que pode ser instanciada por um grande número de orações em português, já que cada um dos *slots* que a compõem ( $SN_1 V SN_2$ ) pode ser preenchido por uma ampla variedade de nomes e verbos. Assim é que a construção transitiva pode ser realizada por diferentes tipos, dada a natureza semântica dos verbos que nela podem figurar (FURTADO DA CUNHA, 2012). É oportuno destacar que a propriedade de produtividade

está estreitamente relacionada à de esquematicidade, no sentido de que quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva ela será.

A composicionalidade, por sua vez, diz respeito ao âmbito em que o elo entre forma e significado é transparente. De um ponto de vista construcional, a composicionalidade é considerada em termos da convergência ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado. A convergência se dá quando o falante produz, do ponto de vista sintático, uma sequência e o interlocutor, ao compreender o significado de cada item em particular, depreende o significado do todo. Já a divergência ocorre quando não há correspondência entre a junção do significado de cada item particular e o significado do todo. Nesse sentido, a divergência está relacionada à ausência de alinhamento entre as expectativas do falante e do interlocutor no momento da interação. Logo, o grau de composicionalidade de uma construção é aferido levando-se em conta se o significado do todo é dedutível do significado de suas partes, tal como evidenciado na codificação formal. Podemos citar *pra quem é, bacalhau basta* como exemplo de construção não composicional, dado que seu valor semântico não corresponde à soma do significado dos itens que a constituem. De modo geral, isso se dá com a maioria dos idiomatismos de qualquer língua natural.

Bybee (2016) distingue composicionalidade de analisabilidade. Embora reconheça que essas duas propriedades sejam estreitamente relacionadas e gradientes, ela prefere distingui-las para efeitos de análise da variação das expressões linguísticas. Nessa linha, a construção *dar pano para as mangas*, por exemplo, é analisável em suas partes constituintes, mas é não composicional. É analisável no sentido de que podemos identificar cada um dos itens lexicais e sintagmas que a integram, mas seu significado não é dedutível com base em tais elementos. Enquanto a composicionalidade é associada à atribuição do significado do todo com base no significado das partes de uma expressão composta, a analisabilidade se relaciona ao grau em que os falantes reconhecem, e tratam distintamente, essas partes componentes. Seguindo Traugott e Trousdale (2013), consideramos analisabilidade como uma subparte da composicionalidade e não a tratamos como uma categoria separada.

Depreende-se, do que foi dito, que essas propriedades da construção são gradientes e, portanto, podemos ter construções mais ou menos esquemáticas, mais ou menos produtivas e mais ou menos composicionais (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

### Pra quem é ...

A Gramática de Construções tem sua origem por volta da metade da década de 1980, quando é publicado o primeiro trabalho que tem por objeto de estudo os idiomatismos (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988). Os autores argumentam que construções complexas compartilham propriedades semânticas e pragmáticas com os itens lexicais.

Uma construção idiomática é instanciada por uma expressão ou estrutura frasal particular de uma língua, cujo significado não corresponde à soma do significado de suas partes componentes. Resulta do processo cognitivo de *chunking*, responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que frequentemente coocorrem. Sequências repetidas são conceptualizadas como um bloco (*chunk*) em termos cognitivos, de modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade tanto do ponto de vista da produção quanto do processamento (BYBEE, 2010).

As construções idiomáticas possuem uma forte base cultural, de modo que a compreensão de um idiomatismo implica o conhecimento de aspectos socioculturais de uma dada língua. Embora sejam específicas à língua em que ocorrem, são expressões universais visto que estão presentes em todas as línguas naturais. No entanto, cada comunidade linguística apresenta um conjunto de idiomatismos que são criados e utilizados de acordo com sua visão de mundo e suas manifestações culturais. Assim é que, em português, *chutar o balde*, por exemplo, significa fazer confusão, enquanto a tradução literal para o inglês (*kick the bucket*) significa *morrer*. No português, a ideia de morrer pode ser expressa por variadas construções idiomáticas, tais como *bater as botas*, *abotoar o paletó*, *ir para a cidade de pés juntos*.

As construções idiomáticas podem variar em relação às propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Em relação à esquematicidade, podemos ter construções idiomáticas totalmente especificadas, como *pra quem é*, *bacalhau basta*, *abotoar o paletó de madeira*, *enfiar o pé na jaca*, cujos elementos constituintes não podem ser substituídos, e também não é possível inserir qualquer outro item na construção. Há, também, construções idiomáticas parcialmente especificadas, como é o caso de *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>*, que pode sancionar expressões como *tirar o pai da força*, *tirar leite de pedra*, *tirar água do joelho*, *tirar o cavalinho da chuva* e outras, em que SN<sub>1</sub> representa o elemento que é extraído e SN<sub>2</sub>, o “lugar” de onde se extrai SN<sub>1</sub>. Vejamos as ocorrências em (1) e (2).

(1) *Aquele beijo bom de beijar*

*Carinha de quem quer um colo*

*Sossega no teu jeito de me olhar*

*Tô precisando tanto te encontrar*

*Se acha que desisti de te ver*

***Tire o cavalinho da chuva***

*A vida muito longe de você é um Deus-nos-acuda.*

*(Chiclete com Banana. Tire o cavalinho da chuva. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chiclete-com-banana/115822/>. Acesso em: 16 set. 2018)*

(2) *Carta na mesa, o jogador conhece o jogo pela regra*

*Não sabe tu que eu já **tirei leite de pedra***

*Só pra te ver sorrir pra mim não chorar*

*Você foi longe, me machucando provocou a minha ira*

*Só que eu nasci entre o Velame e a Macambira*

*Quem é você pra derramar meu munguzá? (JOSÉ, Flávio. Tareco e mariola.)*

Em (1), o trecho em destaque não se refere à situação de alguém efetivamente retirar um animal (cavalo) da chuva e levá-lo para outro lugar. Nesse caso, *tire o cavalinho da chuva* corresponde à ideia de alguém (o interlocutor) abandonar a expectativa de o falante desistir de procurá-lo, de vê-lo. De forma semelhante, em (2), a interpretação também não é literal: com a sequência *tirei leite de pedra* não se indica que alguém, de fato, tenha extraído esse líquido da pedra; aliás, esse entendimento não corresponde, de forma alguma, à realidade concreta. A ideia é que alguém fez algo muito difícil, quase impossível. Nas duas situações, os construtos destacados instanciam o padrão *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>*, sendo o primeiro SN *o cavalinho* em (1) e *leite* em (2), e o segundo SN, *a chuva* (1) e *pedra* (2).

O fato de que as construções idiomáticas podem variar com relação ao preenchimento de seus *slots*, de totalmente a parcialmente especificadas, revela a gradiência da esquematicidade dessas construções.

Quanto à segunda propriedade, as construções idiomáticas, em geral, apresentam baixa produtividade, dado que muitas são totalmente especificadas, sancionando um único construto, como *água mole em pedra dura tanto bate até que fura e cair a ficha*, que apresentam produtividade zero. Além disso, mesmo as parcialmente especificadas sancionam um conjunto pequeno de *types*, como é o caso de *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>* e de *chutar SN*, em que esta última licencia *chutar o balde, chutar o pau da barraca*. Confirma-se, desse modo, que a produtividade das construções idiomáticas é gradiente. Nessa direção, as construções se alinham numa escala de gradiência que vai da produtividade zero, no caso das construções totalmente preenchidas (*Casa de ferreiro, espeto de pau*) à produtividade média, como ocorre com as construções parcialmente especificadas, a exemplo de *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>*.

Outra manifestação da produtividade de idiomatismos pode ser observada com os chamados verbos leves (*dar e fazer*, por exemplo). Com o verbo *dar*, podem ocorrer diversos arranjos sintáticos, conforme acontece em: (i) *dar com a língua nos dentes, dar com os burros n'água, dar com a cara na porta*, formados por *dar com SN<sub>1</sub> em SN<sub>2</sub>*; (ii) *dar uma colher de chá, dar uma força, dar apoio e dar conta*, constituídos de *dar SN*; (iii) *dar na telha, dar na veneta, dar na vista, dar no pé*, cuja organização é *dar em SN*.

Também é oportuno destacar que há idiomatismos mais antigos na língua, a exemplo de *água mole em pedra duratanto bate até que fura*<sup>6</sup> e *o pior cego é o que não quer ver*<sup>7</sup>, enquanto outros são mais recentes, como é o caso de *rodar a baiana*, que supostamente foi cunhado no Rio de Janeiro, no início do século XX, e *cair a ficha*, provavelmente criado em fins do século XX. Desse modo, a emergência de novos idiomatismos na língua evidencia a produtividade do mecanismo de formação dessas unidades linguísticas, ao mesmo tempo em que atesta a criatividade envolvida nesse mecanismo.

<sup>6</sup> Atribui-se ao escritor latino Ovídio (43 a.C – 18 d.C) um dos primeiros registros literários dessa expressão.

<sup>7</sup> A origem desse idiomatismo está relacionada a um episódio ocorrido na França em 1647, quando foi realizado o primeiro transplante de córnea. Segundo consta, o transplantado, insatisfeito com o mundo que passara a ver, pediu ao cirurgião que lhe arrancasse os olhos. O caso foi acabar no tribunal de Paris e do Vaticano, e o paciente entrou para a história como o cego que não quis ver.

Em termos de composicionalidade, as construções idiomáticas caracterizam-se, via de regra, pela opacidade. O significado de uma construção idiomática não é dedutível da soma do significado de seus constituintes. Além disso, na maioria dos casos, não é possível identificar, sincronicamente, a motivação para tais construções. Apenas uma análise diacrônica pode fornecer explicação para a formação de um dado idiomatismo. Consideremos, a título de ilustração, *tirar o cavalo(inho) da chuva*. Esse *type* da construção *tirar*  $SN_1$  de  $SN_2$  significa *desistir de um propósito qualquer, abandonar expectativa(s)*. Esse entendimento não é extraído da semântica dos itens que integram a construção. A interpretação dessa construção remete ao século XIX, época em que o meio de transporte mais utilizado era o cavalo. Nesse período, quando um anfitrião pretendia que um visitante seu ficasse por mais tempo em sua residência, solicitava-lhe para, literalmente, ‘tirar o cavalo da chuva’ e colocá-lo em local protegido (no estábulo, por exemplo). A ideia era, assim, fazer com que o interlocutor (o visitante) desistisse do intento de ir embora rápido. Com o passar do tempo, a expressão adquiriu sentido mais amplo, passando a designar a ideia de desistir de qualquer propósito.

A não composicionalidade das construções idiomáticas revela seu caráter idiossincrático tanto interlinguisticamente, se comparadas com outras construções da mesma língua, quanto translinguisticamente, ao considerar o cotejo com idiomatismos de outras línguas. Tal idiossincrasia está relacionada tanto a aspectos do polo da forma, dada a configuração singular que exibem, quanto, e principalmente, a aspectos da função, envolvendo extensão semântica e significados mais abstratos, socioculturalmente construídos.

É válido destacar que, nos idiomatismos, o polo da forma e o do significado relacionam-se simbolicamente (CROFT, 2001), o que implica o caráter arbitrário dessa relação<sup>8</sup>. Além disso, essa relação envolve convencionalização, no sentido de que a criação do pareamento forma-significado decorre da sedimentação de rotinas comunicativas consensuadas.

Também é possível tratar a composicionalidade das construções idiomáticas em termos gradientes, de forma que há aquelas em que o grau de opacidade é maior do que em outras. Comparemos *gritar a plenos pulmões* com *dar com burros n’água*, presentes em (3) e (4).

<sup>8</sup> Para uma discussão sobre a arbitrariedade na relação forma-significado das construções, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

(3) *Preciso conversar baixinho,  
gritantemente baixinho,  
o pensamento impotente  
a organização demente  
a revolta calda que não mente*

*Preciso gritar a plenos pulmões  
a escrita intensa  
a vontade imensa  
a liberdade potente*

(DUARTE, F. C. Utopia. *Quase cem poemas de amor e outros fragmentos*. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 17 set. 2018)

(4) *Então, em vez de dar US\$ 200 e tantos mil para a Globo, ganhamos mais que isso só por conta de uma boa ideia. Porque foi um sucesso tremendo! Todo mundo comentou. Inclusive os que achavam que íamos dar com os burros n'água.*

(CARVALHO, T. *Ninguém faz sucesso sozinho*. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 17 set. 2018)

A ocorrência destacada em (3) significa *gritar com toda a força, gritar o mais alto possível*. Assim, o sentido da construção se aproxima da soma do significado dos itens que a compõem, o que reflete menor grau de opacidade na relação forma-significado. Já em (4), *dar com os n'água* apresenta alto grau de opacidade, visto que esse idiomatismo significa *ser mal sucedido*, o que não remete ao significado dos elementos que o constituem.

As construções podem ter o mesmo padrão estrutural, mas diferir com relação à composicionalidade. Assim é que ocorrências como *tirar o cavalo(inho) da chuva, tirar leite de pedra* são idiomatismos, já que seu significado não pode ser entendido com base no significado das palavras que os compõem. Diferentemente, *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>*, como *tirar os*

*livros da estante, tirar meleca do nariz, tirar os pratos da mesa*, que também exibem o padrão *tirar SN<sub>1</sub> de SN<sub>2</sub>*, não representam idiomatismos, mas, sim, instâncias da construção de movimento causado, em que o significado do todo pode ser inferido do significado das partes componentes.

Cabe ainda ressaltar a correlação entre grau de opacidade da construção e a atuação de processos metafóricos e/ou metonímicos. Dessa forma, em *tirar leite de pedra*, a interpretação do idiomatismo decorre da associação feita entre a impossibilidade de extrair, literalmente, leite de pedra (atividade relacionada à experiência biofísica) e a ideia de realização de uma tarefa com elevado grau de dificuldade (associada ao campo da abstração). Está implicada, aí, uma transferência entre um domínio-fonte e um domínio-alvo. Na mesma direção, *dar com a cara na porta* é resultado tanto de um processo metonímico quanto metafórico. Esse idiomatismo expressa a ideia de insucesso devido a um obstáculo não superado. Do ponto de vista da metonímia, *cara* é tomado pelo indivíduo, numa relação de contiguidade parte-todo. Sob o prisma da metáfora, *porta*, elemento ligado à experiência concreta, alude a impedimento, no plano abstrato. Temos, assim, primeiramente, a associação entre ideias dentro de um mesmo domínio (metonímia), ao passo que, posteriormente, a transferência se dá entre domínios distintos (metáfora).

Em termos de estruturação morfossintática, os idiomatismos podem ser codificados por meio de diferentes recursos, tais como SN, construções de estrutura argumental (intransitiva, transitiva, ditransitiva) e orações complexas (período composto). Ilustram esses variados recursos expressões como *boca de siri* e *olho gordo* (SN), *cair a ficha* (construção intransitiva), *rodar a baiana* (construção transitiva), *dar pano para as mangas* (construção ditransitiva) e *água mole em pedra dura tanto bate até que fura* (período complexo com oração adverbial consecutiva).

Outro aspecto a ser observado diz respeito aos graus variados de fusão morfossintática entre os elementos que compõem os idiomatismos. Enquanto em alguns parece pouco provável a inserção de material entre seus constituintes, outros admitem introdução de material interveniente. Exemplos do primeiro caso podem ser vistos em *boca de siri*, *Maria vai com as outras*, *chutar o pau da barraca*, que apresentam maior grau de integração entre seus componentes; em *dar bandeira*, *babar ovo*, *barra pesada*, que apenas admitem inserção de intensificador (*dar aquela bandeira*, *babar muito ovo*, *barra muito pesada*).

Quanto ao segundo caso, servem de ilustração expressões como *fazer a (sua) cabeça*, *armar (o maior) barraco*, *bater (longos/altos) papos*, em que o substantivo pode ser antecedido por possessivo e/ou adjetivo. Embora essas últimas expressões sejam mais ou menos fixas, suas partes internas ainda são analisáveis, o que se evidencia pela possibilidade de acrescentar determinantes e modificadores entre elas. Nessa linha, há idiomatismos que apresentam relativa versatilidade morfossintática, de sorte que a posição do intensificador pode variar, como em *muito barra pesada*, *barra muito pesada*, *barra pesada demais*. Essa mudança na posição do intensificador tem implicação semântica, visto que altera o escopo desse modificador: *barra pesada* em *muito barra pesada* e *barra pesada demais*; *pesada* em *barra muito pesada*.

### **Finalizando**

Ao discutir a integração entre sintaxe e léxico, Salomão (2002) critica a abordagem gerativa à questão da “composicionalidade do significado sentencial”. A autora ressalta o pioneirismo de Lakoff (1977), que compreende a gramática como “um repertório de construções vinculadas radialmente por relações de herança” e trata os idiomatismos como construções gramaticais.

Conforme discutimos neste artigo, tanto a Linguística Funcional Centrada no Uso quanto a Gramática de Construções compreendem que forma e função estão intrinsecamente relacionadas. Oferecem, assim, uma alternativa à discussão que remonta aos primórdios dos estudos linguísticos, materializada na clássica oposição entre naturalistas e convencionalistas.

Esses modelos teóricos mostram-se adequados à análise dos idiomatismos que, até então, eram considerados como elementos periféricos da gramática, desprovidos de regularidade e, portanto, idiossincráticos. Permitem a identificação de certas similaridades, como propriedades comuns a diferentes construções idiomáticas, o que dota os modelos do poder de generalização explicativa.

Em termos das propriedades atribuídas às construções, observamos, nos idiomatismos, gradiência em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Desse modo, explicitamos que essas construções variam de totalmente especificadas a parcialmente preenchidas; são, em geral, de baixa produtividade; e, prototipicamente, caracterizam-se como não composicionais, ou seja, são opacas.

Tratamos, ainda, dos processos metafóricos e metonímicos implicados na constituição dessas construções, de seus variados recursos de estruturação e da fusão entre seus elementos constituintes. Por fim, discutimos a versatilidade morfossintática que podem apresentar.

## Referências

- BOLINGER, D. *The form of language*. London: Longman, 1977.
- BYBEE, J. Cognitive process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, p. 145-167.
- \_\_\_\_\_. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 64: 501–538, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A construção transitiva no português do Brasil. *Actas del XVI Congreso de la ALFAL*. Disponível em <http://alfal2011.mundoalfal.org/#/indiceAutores>, 2012.
- \_\_\_\_\_; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do Gelne*. v. 15, n. 1/2, p. 49-74, 2013.
- \_\_\_\_\_; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística Funcional Centrada no Uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro/Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013, p. 13-36.
- \_\_\_\_\_; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 21-47.
- \_\_\_\_\_.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. Espec., p. 55-67, 2016.

- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. I. New York: Academic Press, 1984.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. California: University of California, 1995.
- HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIERMER, B. (eds.). *What makes grammaticalization– A look from its fringes and its components*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 19-40.
- LAKOFF, G. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, University of California, Berkeley, 1977.
- LANGACKER, R. W. Construction grammars: Cognitive, radical and less so. In: IBAÑEZ, F. J. R de M.; CERVEL, S. P. (Eds.). *Cognitivelinguistics: Internal dynamics and interdisciplinary interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 101-159.
- SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. v. 6, n. 1, p. 63-74, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

### **Pra quem é, bacalhau basta: on the opacity and productivity of idiomatic constructions**

**Abstract:** In this paper, we analyze idiomatic constructions in Brazilian Portuguese (BP), such as *pra quem é, bacalhau basta* and *tirar leite de pedra*. We aim at discussing the form-function relationship in these constructions, in order to make explicit the gradience that exists in this relationship. For this purpose, we take into account the assumptions of Functional Usage Based Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) and of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), and take different idiomatic constructions of BP as empirical material. We consider the general properties of constructions, focusing on schematicity, productivity and compositionality. In this direction, we found that these constructions range from fully specified to partially filled; they are generally low in productivity; and they are prototypically characterized by opacity. We also noted the action of metaphorical and metonymic processes in the formation of these idioms, the variability of linguistic resources used in their structuring and the degree of fusion between their constituent elements, as well as the morphosyntactic versatility they can present.

**Keywords:** Idiomatic constructions. Form-function relation. Gradience.

**Recebido em:** 30 de outubro de 2018.

**Aceito em:** 05 de fevereiro de 2019.